

A CRÍTICA CULTURAL NO FEMININO: O CONTRIBUTO DE ANA PLÁCIDO

Adriana Mello GUIMARÃES¹

RESUMO: A participação de Ana Augusta Plácido nos periódicos oitocentistas, do nosso ponto de vista, fez parte de um movimento de ampliação do papel feminino para além das condições e limites do espaço familiar. Além de escritora, poeta e tradutora, Ana Augusta também atuou como crítica literária. Assim, neste artigo, pretendemos identificar a atuação de Ana Plácido no periódico *Gazeta de Notícias do Porto* como crítica literária e ressaltar alguns momentos paradigmáticos que acompanham a produção destes textos.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica cultural. Ana Augusta Plácido. Imprensa.

ABSTRACT: Ana Augusta Plácido's participation in 19th century journals, from our point of view, was part of a movement to expand the female role beyond the conditions and limits of the family space. In addition to being a writer, poet and translator, Ana Augusta also served as a literary critic. Thus, in this article, we intend to identify Ana Plácido's performance in the journal *Gazeta de Notícias do Porto* as a literary critic and highlight some paradigmatic moments that accompany the production of these texts.

KEY-WORDS: Cultural criticism. Ana Augusta Plácido. Press.

Introdução

A crítica cultural oitocentista em Portugal era dominada por vozes masculinas² e poder-se-á dizer que a mulher ainda era vista como um ser naturalmente subordinado ao homem. No entanto, encontramos algumas vozes dissonantes. Este é o caso de Ana Augusta Plácido que ousou traçar o seu próprio destino e lutou contra as normas impostas. Com 19 anos de idade foi obrigada a casar-se com Manuel Pinheiro Alves, de 43 anos, mas enamorou-se por Camilo Castelo Branco, foi presa, e acabou por conseguir a absolvição, tendo casado com o escritor Castelo Branco.

¹ Professora adjunta convidada no IPP, Instituto Politécnico de Portalegre/ Departamento de Ciências da Linguagem e da Comunicação / Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/ Portalegre/ Portugal / adrianamello@ippportalegre.pt

²Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Moniz Barreto e Teófilo Braga são alguns nomes que se destacam no âmbito da crítica literária oitocentista.

O seu arrojo em transpor limites também ficou marcado na esfera pública: Ana se aventurou no mundo das letras, escrevendo poemas, livros, contos e críticas literárias, tendo colaborado com vários jornais.

Recorde-se, em primeiro lugar, que a imprensa periódica oitocentista conferiu à vida do espírito uma presença social mais enérgica, e marcou a mentalidade nacional de toda uma geração como um espaço de formação da opinião e da consciência do cidadão³. Como observa Tengarrinha, em sua *Nova história da imprensa portuguesa das origens a 1865*, através da imprensa há uma partilha de valores comuns:

A imprensa se apresenta cada vez mais como um meio por onde se gere uma parte da conflitualidade social: não apenas passa a ser porta-voz de grupos em condições de formular pontos de vista de interesse para área social mais ampla, tendo esta a capacidade para acolhê-los, mas também capaz de lhes dar dimensão de intervenção. (TENGARRINHA, 2013, p. 876)

Interessante será tentar perceber como eram as publicações nessa altura. Lembremos, em primeiro lugar, que ao longo da transição da imprensa romântica ou de opinião para a chamada imprensa industrial⁴, o jornalismo sofreu uma grande expansão e acabou por se transformar num negócio lucrativo e rentável.

Leitora concentrada, Ana Plácido examina o mundo ao seu redor e está ininterruptamente atenta ao que se passa na vida artística, política e social portuguesa. As suas críticas estendem-se à literatura e a moda, de forma inteligente e perspicaz, e nos oferece um cunho muito pessoal.

Neste artigo pretendemos revisitar as críticas que Ana Augusta elaborou em 1868, no jornal *Gazeta Literária do Porto*.

Oportuno será lembrar que a obra de Ana Plácido assinala a incursão das mulheres oitocentistas no mundo dos homens mediante o aprendizado de novos códigos. Pretendemos encontrar as estratégias por ela utilizadas e identificar o carácter inovador da sua escrita.

Sublinhe-se, ainda, que na altura em que Ana redige as suas críticas, o casal estava a viver no Porto e atravessava uma fase difícil. É tempo de grande produção literária para Camilo:

³ Como assinala Maria Filomena Mónica, “Os jornais eram, à época, importantes centros sociais. Era ali – e Eça recordá-lo-á em várias obras – que se faziam amigos, se discutia política, se ficava a par das intrigas do dia. Um periódico oitocentista era o centro do mundo” (MÓNICA, 2001, p. 33).

⁴Cf. Adriana Guimarães e Nuno Fernandes, *O jornalismo em evolução*. Disponível em: http://issuu.com/c3i-ipp/docs/comunicacoes_iii_seminario_idt_voll. Acesso: 08/12/2019.

A família habitava um imóvel parte da herança de Pinheiro Alves, sito na Rua do Triunfo, defronte do Palácio de Cristal. É neste local que Camilo dirige a *Gazeta Literária do Porto*, sendo a Ana a sua colaboradora direta. Nesta data, pouco ou nada restava da antiga paixão que unira os dois amantes. Camilo sofre horrores de uma dor ciática, e Ana Plácido honra o nome em paciência humana. De forma velada, Camilo queixava-se de Ana e da mudança que nela se havia operado, enviando-lhe recados encobertos, através da referida *Gazeta*. (CAMPOS, 2008, p.264)

Vejamos, então, resumidamente as principais características do periódico onde Ana Augusta Plácido escreveu algumas críticas.

A *Gazeta Literária do Porto*: cultura e crítica

A *Gazeta Literária do Porto* foi um jornal literário que teve uma vida muito curta. Foram publicados apenas 16 números ao longo de 1868, impressos na Tipografia da Livraria de A. de Moraes & Pinto, rua do Almada n.º 171, Porto, também a morada da Administração da *Gazeta*.

O periódico ficou conhecido como “*Gazeta de Camilo Castelo Branco*” e contou com uma redação diminuta, onde a maior parte dos textos eram da autoria de Camilo. Apesar do tema da Literatura ser maioritário, a *Gazeta* também tratou outros assuntos como a História, a crítica diversa, e alguma moda feminina.

Logo no primeiro número d’A *Gazeta Literária do Porto* encontramos um “Proemio” escrito por Camilo Castelo Branco, no qual é destacado o mercado literário de Lisboa e do Porto:

Se boa vontade e esforços vingassem naturalizar nesta ilustrada terra, um periódico literário seria isso, quando não útil, pelo menos airoso e até louvável. (...) Argumentar contra o gosto literário do Porto fundando a queixa em que não passam de quinhentos os compradores do livro recreativo, é autorizar-nos a perguntar se Lisboa os terá. E, se alguém pasmar da confrontação, ser-me-á fácil, com o exemplo de minhas obras propriamente, testificar que mais de metade das edições publicadas em Lisboa são aqui vendidas. (CASTELO BRANCO, 1868, p.1)

A participação de Ana Plácido na *Gazeta* foi vasta: englobou algumas críticas e romance em folhetim, *Regina*⁵, que trespassa todos os números da *Gazeta* e que ficou

⁵Alberto Pimentel resumiu o folhetim da seguinte forma: “Regina e Eugenia são filhas dum negociante portuense. Aquela, aos 15 anos, tem já o esplendor de mulher escultural e robusta. Salvador, também moço como ela, ama-a apaixonadamente. Eugenia, de saúde mais débil, flor delicada e graciosa, não é menos adorada pelo eleito do seu coração, Rafael, um amigo e companheiro de Salvador. Certo visconde velho e rico surge como Plutus, oferecendo um brasão e um dote, a estragar o idílio de Regina e Salvador. Personifica o deus-milhão, o casamento de conveniência, algoz implacável da juventude burguesa do Porto. Os pais de Regina obrigam-na a casar com o visconde e ela, filha obediente, sacrifica-se. Até aqui a autora

incompleto. Antes de partimos para a análise das suas críticas culturais, parece-nos importante referir que Ana assinou os diversos textos com o pseudónimo Gastão Vidal Negreiros. Ora, uso de pseudónimos literários, muito usual até ao longo do século XIX, estava normalmente associado à preocupação com a reputação ou a posteridade. Mas nem sempre foram estes os motivos. Usar pseudónimos para despistar preconceitos foi um recurso rotineiro utilizado pelas mulheres um pouco por todo o mundo, inclusive em Portugal. Vejamos: as mulheres oitocentistas que possuíam uma atividade intelectual estavam cientes que estavam a cometer uma enorme transgressão. Afinal, escrever contos de amor e criticar as normas sociais era subverter o sistema. No entanto, é claro que o círculo mais próximo da escritora tinha conhecimento da situação. Mas elas faziam isso, provavelmente, para se protegerem da opinião pública.

No caso de Ana Augusta Plácido pensamos que o uso dos pseudónimos foi uma estratégia. Depois do seu nome circular por vários jornais, devido a acusação de adultério, Ana ao adotar pseudónimos masculinos pretende sair do seu mundo e investir num universo mais amplo com uma nova identidade. Afinal, Ana recusou o papel secundário e passivo que a sociedade burguesa do século XIX atribuía à mulher, e mudou o estereótipo da mulher oitocentista que era normalmente representada como anjo do lar ou como demónio.

As críticas culturais elaboradas por Ana Plácido para a Gazeta do Porto, tiveram o formato de quatro cartas, assinadas com o pseudónimo de Gastão Vidal Negreiros, todas dirigidas a Camilo Castelo Branco.

A primeira carta surge como uma apresentação do “personagem” Gastão Vidal de Negreiros é dirigida ao “Meu amigo”, Camilo Castelo Branco: “Conheceu-me você por

do romance reproduz a sua própria vida. Celebra-se o casamento e Salvador, escondido por trás de um altar, assiste á cerimónia religiosa. Este esforço de sobre-humana coragem vi eu praticarem-no alguns rapazes ainda no meu tempo. Mas Salvador sai dali num profundo abalo moral, e, poucos dias depois, acha-se muitos outros rapazes portuenses, que há largos anos apodreceram no Prado do Repouso. Salvador foi menos infeliz: escapou á morte, que ele aliás desejava. Apareceu também um noivo rico para Eugenia. Era o brasileiro Alvim, que entrou em casa do negociante a reboque do visconde. Rafael propõe à pobre menina o rapto. Ela recusa por senhoril dignidade e obediência filial, mas cai doente e morre, em três meses, de uma tuberculose aguda, epílogo romântico de amores contrariados gravemente enfermo. Isto mesmo aconteceu hoje quase inverosímil, era vulgar há meio século. Honra seja feita aos rapazes e raparigas daquele tempo, que tanto deram que fazer aos coveiros e aos romancistas. Esses rapazes e essas raparigas foram, a bem dizer, uma literatura. Regina, depois da morte da irmã, fica abatida e melancólica, a ponto de julgar-se que a sua vida correrá perigo se o desafogo das lágrimas não vier salvá-la. Aconselham-lhe o clima da Madeira. (...) No regresso, o visconde decide residir em Lisboa. E, uma vez aqui domiciliado, tropeça facilmente nas tentações que a indústria da concubinação arma às algibeiras bem providas. Fez-se ‘velho verde’ por amor de uma dançarina, que o explorava e enlouquecia. Regina, a quem o marido deixa longas horas abandonada, é perseguida por um *coureur de femmes* (...) Regina afasta com altivez decorosa o seu perseguidor, que, desesperado, não desiste (...) É nesta altura que o romance fica suspenso, porque a Gazeta literária termina.” (PIMENTEL, 1913, p. 150, 153).

essa época pouco mais ou menos. Eramos ambos moços (...). Caminhávamos a par na embriaguez dulcíssima duma aspiração irrealizável!” (NEGREIROS (PLÁCIDO), 1868r, p. 5)

A resposta de Camilo vem acompanhada com uma promessa: “eu nunca direi quem é o desgraçado que, sob o pseudónimo de Gastão Vidal de Negreiros, tocou o extremo infortúnio de escrever romances” (CASTELO BRANCO, 1868, pp. 5-6).

As outras três cartas são de crítica literária. A primeira fala sobre o livro *Sons que passam* (1868, p.38, 40) de Tomás Ribeiro. Ana Plácido apresenta o autor “Tomás Ribeiro é um nome tão conhecido entre os lidadores de poesia, como é no fórum do parlamento a sua voz eloquente e simpática e na sociedade o seu carácter probo e ilibado. É um destes génios de rija têmpera o proficiente estudo” (NEGREIROS (PLÁCIDO), 1868t, p.39).

Após a apresentação do poeta, Ana começa a explicar a sua visão sobre o novo livro *Sons que passam*: “Coroa de espinhos se intitula. a primeira parte do livro. São poesias maviosas de onde transuda a fé e a crença bendita de um outro mundo além dos umbrais da morte” (NEGREIROS (PLÁCIDO), 1868t, p.39). A crítica é positiva e enfática. “Que naturalidade de expressão! Como isto é lindo!” (ibidem). Além de transcrever alguns trechos de poesias, Ana também compara Tomás Ribeiro a Madame Emile Girardin.

Na segunda carta, publicada em três páginas, Ana replica a fórmula. Desta vez, a crítica será sobre o lançamento do livro *Quadros Cambiantes*, da autoria de Cândido Figueiredo. Logo no início, Ana Plácido apresenta o poeta e o novo livro:

Cândido de Figueiredo é o autor de *Quadros Cambiantes*. Pela leitura, sabe-se o que facilmente se adivinharia sem grande custo. É um mancebo de vinte e dois anos, uma primavera devaneadora e amorosa, um espírito irradiando luz, e seiva inspiradora do coração. (NEGREIROS (PLÁCIDO), 1868s, p.63)

A crítica segue com algumas poesias e com referências a autores portugueses como Tomás Ribeiro e Faustino Xavier Novaes; bem como a autores internacionais como Géssner, Horácio e Herney. Ana afirma que pretende apenas “chamar a atenção para o livro” (1868s, p.64) e diz que não quer cansar o leitor.

Passemos, então, a terceira crítica publicada por Ana Plácido na *Gazeta Literária do Porto*, que se ocupa da análise de uma das primeiras obras de Guerra Junqueiro, intitulada *Vozes sem Eco*: “Hoje darei as impressões a que me deixou a leitura de *Vozes sem Eco*” (1868u, p.112), sublinhou Ana Plácido.

Mais uma vez, os elogios são a nota dominante, sendo de destacar a referência a Musset. Ana fala da sua “desautorizada voz” (1868u, p. 112) tecendo uma crítica ao seu trabalho. No final, fica registada a sua opinião:

Passo em claro as poesias “A tarde”, “No Claustro”, “Pressentimento” e “Canto de Nauta”. Deixo-as para serem admiradas sem recomendação. No meu entender, é aí onde o poeta, na energia e na elevação do pensamento, nos promete embriões que mais tarde poderão coloca-lo entre os primeiros, encaminhando desde já o passo tímido no encaicho dos mestres. (NEGREIROS (PLÁCIDO), 1868u, p.114).

Mas será que este tipo de construção, que se repete ao longo das três cartas críticas, corresponde ao que se entende por crítica? Ramalho Ortigão⁶, contemporâneo de Ana Augusta, assinala que há três “fórmulas” para a realização de uma crítica: “Pela impressão dominante na leitura; pelo exame minucioso de cada uma das partes e dos mínimos acessórios de que consta a obra; pelo confronto do livro com todos os demais de natureza idêntica” (ORTIGÃO, 1943, p.10)

Por outro lado, Moniz Barreto⁷ (outro autor contemporâneo de Ana Plácido), afirma que: “a crítica representa uma conceção ou uma impressão da literatura” (BARRETO, 1889, p. 6). Sublinhe-se, ainda, que Moniz Barreto acredita na existência de duas espécies de crítica: uma que tem por base a filosofia (a análise); e uma outra que tem por inspiração o gosto (as emoções). Na opinião de Barreto, ambos os géneros de crítica são válidos se forem utilizados em conjunto e de forma hierárquica: o crítico deve partir da análise filosófica para chegar até às emoções.

Demonstrada a pluralidade de abordagens, estamos em condições de reconhecer que Ana Augusta com o amplo uso dos adjetivos e todos os comentários elogiosos desenvolve uma crítica associada a ideia de subjetividade, muito próxima da concepção de Ramalho Ortigão corresponderia a crítica de impressão:

Toda a obra me delicia, me apraz, me desagrada ou me revolta. Para cada uma destas impressões tenho uma palavra: magnífico, bom, mau ou péssimo. Escrevo a palavra correspondente à impressão que recebi e tenho a minha tarefa pronta. Se quero espriar conceitos e dar furo na tímida borbulha da erudição, martelo a palavra primitivamente escrita,

⁶José Duarte Ramalho Ortigão nasceu no Porto em 1836. Viveu a sua infância numa quinta portuense com a avó materna. Em Coimbra, frequentou brevemente o curso de Direito, começando a trabalhar como professor de francês no colégio da Lapa, no Porto, onde foi professor de Eça de Queirós. Envolveu-se na Questão Coimbrã. Atuou como escritor, jornalista, bibliotecário da Biblioteca da Ajuda e como oficial da secretaria da Academia Real das Ciências. Morreu em 1915.

⁷Guilherme Moniz Barreto foi jornalista e crítico literário. Nasceu em Goa, em 1863, descendente de uma aristocrática família portuguesa. Destacou-se por ser um dos poucos ensaístas portugueses que tentou uma via científica na crítica literária e uma abordagem positivista ao estudo da literatura portuguesa. Foi discípulo de Teófilo Braga. Grande parte da sua obra se encontra dispersa por vários jornais, principalmente no *Jornal do Comércio*. Morreu em 1896.

e vou tirando à feira uma apoteose, um elogio, uma representação ou uma afronta. (ORTIGÃO, 1943, p.10-11)

Repare-se que esta ideia persiste até hoje. De facto, Roland Barthes na obra *Crítica e Verdade* defende a expressividade e a voz autónoma da obra:

A crítica não é a ciência. Está trata dos sentidos, aquela produ-los. Ocupa, como já dissemos um lugar intermédio entre a ciência e a leitura; atribui uma língua à pura fala que lê e atribui uma fala (entre outras). A língua mítica de que é feita a obra e de que trata a ciência. A reação da crítica com a obra é a de um sentido com uma forma. O crítico não pode pretender «traduzir» a obra, nomeadamente de modo mais claro, pois não há nada mais claro do que a obra. O que pode é gerar um certo sentido, derivando-o de uma forma que é a obra. (BARTHES, 1987 p.62)

Além das três críticas literárias: “Sons que passam” (1868t, pp.38, 40), “Quadros Cambiantes” (1868s, pp. 63,65); e a última “Vozes sem eco” (nº 12,1868u, pp. 112-114) encontramos um outro género de crítica cultural que tratava sobre moda, sem assinatura.

Uma breve, mas especial atenção merece a observação de Alberto Pimentel (pesquisador contemporâneo e amigo de Ana Plácido) sobre os textos de moda que surgem na Gazeta: “desconfio que umas ligeiras revistas de modas, assinadas com três asteriscos, apenas tocando o assunto sem nenhum aparato de vocabulário técnico, também seriam da sua lavra” (PIMENTEL, 1913, p. 154). Concordamos com a observação. Ao atentarmos no texto, verificamos que Ana Plácido procura, sempre que possível, fugir da “moda”:

Uma das dificuldades, hoje em dia, é entrar o escritor no artigo modas (...) E, por hoje, termino, aconselhando as minhas elegantes leitoras a que em vista da grande variedade de vestuário, componham elas mesmas, e sejam as principais inspiradoras de suas modistas, e assim poderão alinhando o bom gosto com a originalidade tornarem-se rainhas da moda. É mais fácil esta transmutação que escrever eu neste sentido mais duas linhas. (ANÓNIMO [PLÁCIDO], 1868a, p. 58)

Na crónica intitulada “Modas” publicada no número 10 o “tom” é muito semelhante. A autora fala sobre o estado do tempo e das dificuldades de escrever sobre o assunto:

Estamos na primavera. O céu cobre-se com o seu manto azul e purpurino (...) A moda! A moda é um dilema que abrange todas as artes e espécies desde o apuro luxo pessoal até aos comestíveis (...) E com isto, peço licença a leitora para lhe dizer a respeito a modas não posso satisfazer a sua curiosidade. Os diferentes jornais políticos e mercantis apossaram-se e usurparam-se dessa tarefa e seria da minha parte grandíssima inépcia transcrever o que está dito. (ANÓNIMO [PLÁCIDO], 1868b, pp. 97-98)

Pelo apresentado reconhecemos que pertence a Ana Plácido a autoria dos textos intitulados “Modas”, no qual a autora procura desenvolver ideias sobre um tema que já despertava interesse. Até mesmo porque os jornais oitocentistas sabiam do interesse das mulheres, principalmente da classe burguesa, por esse tema, advindo da influência francesa, e investiam em textos e assuntos voltados para o público feminino.

Considerações finais

Ana Augusta Plácido, no âmbito da crítica cultural, recorreu às suas emoções e adentrou por um universo marcado pela subjetividade. Uma das mais interessantes componentes da técnica narrativa das suas críticas, que constitui uma inovação, é o recurso ao género epistolar. As cartas, trocadas entre Gastão Vidal Negreiros e Camilo Castelo Branco recorrem a um tom confessionalista que introduz recursos expressivos com simplicidade. Para além de servirem de elemento de comunicação com o público, contribuem para a percepção de estarmos a assistir um diálogo entre amigos.

A leitura das críticas culturais presentes na *Gazeta Literária do Porto* permite-nos, ainda, reconstituir a vida literária de Portugal durante o ano de 1868 e acompanhar o lançamento das novidades literárias, mesmo que de maneira comedida Ana Plácido dá os seus primeiros passos na crítica literária.

Alinhada com o seu tempo, Ana procurou estabelecer comparações entre diversas obras e fez germinar espontaneamente relações distintas que proporcionam ao leitor uma abertura para a compreensão do que se estava a produzir no mundo literário português. Eis então que Ana faz nascer uma relação original entre os diferentes livros analisados e o que ouvia e lia, lançando novos dados para o público leitor.

REFERÊNCIAS

- ANÓNIMO [PLÁCIDO, Ana], “Modas” in *Gazeta Literária do Porto*, Porto: Tipografia da Livraria de A. de Moraes, nº 6, 1868a, p. 58.
- ANÓNIMO [PLÁCIDO, Ana]. “Modas”. In: **Gazeta Literária do Porto**, Porto: Tipografia da Livraria de A. de Moraes, nº 10, 1868b, p. 97-98.
- BARRETO, Moniz. “A literatura portuguesa no século XIX”. In: **Revista de Portugal**. Volume I, Porto: Luga&Genelioux, 1889, p. 1-40.
- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- CAMPOS, Maria Amélia. **Ana, a lúcida** – Biografia de Ana Plácido, a mulher fatal de Camilo., Lisboa: Editora Parceria, 2008.
- CASTELO BRANCO, Camilo, “Proemio”. In: **Gazeta Literária do Porto**. Porto: Tipografia da Livraria de A. de Moraes, nº 1, ano 1, 6 de janeiro de 1868, p. 1.
- _____. “Meu amigo “Carta I”. In: **Gazeta Literária do Porto**, nº 1, ano 1, Porto: Tipografia da Livraria de A. de Moraes, 1868r, p. 5.
- _____. “Quadros Cambiantes”. In: **Gazeta Literária do Porto**, nº 7, ano 1, Porto: Tipografia da Livraria de A. de Moraes, 1868s, p. 63-65.
- _____. “Regina – romance original- Prefácio”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, nº 1, ano 1, 6 de janeiro de 1868a, p. 6-7.
- _____. “Regina – romance original I”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, nº 2, ano 1, 1868b, p. 15-16.
- _____. “Regina – romance original- II scenas de familia”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, nº 3, ano 1, 6 de janeiro de 1868c, p. 27-28.

_____. “Regina – romance original- III revelações”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 4, ano 1, 1868d, pp.32-34.

_____. “Regina – romance original- IV o vaticínio”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 5, ano 1, 1868e, p. 42-43.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 5 e V- seis annos depois”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 6, ano 1, 1868f, p. 56-57.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 6”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 7, ano 1, 1868g, p. 56-57.

_____. “Regina – romance original – VII [1] Remorsos”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 8, ano 1, 1868h, p. 73-75.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 8”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 9, ano 1, 1868i, pp.80-82.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 9- VII Eugenia”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 10, ano 1 1868j, pp.94-96.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 10- VII Eugenia”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 11, ano 1, 1868l, p. 103-104.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 11- VIII A vítima”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 12, ano 1 1868m, p. 94-96.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 12- XI O encontro”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 13, ano 1 1868n, p. 119-120.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 13 – X Partida”. In: **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 14, ano 1, 1868o, p. 128-130.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 14 – XI Declaração”. In **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 15, ano 1, 1868p, p. 143-145.

_____. “Regina – romance original – continuação do número 15 – XII Marido e Mulher”. In **Gazeta Literário do Porto**, Porto, n.º 16, ano 1, 1868q, p. 149-151.

_____. “Sons que passam”. In: **Gazeta Literária do Porto**, nº4, ano 1, Porto: Tipografia da Livraria de A. de Moraes, 1868t, p. 38-40.

_____. “Vozes sem eco” In: **Gazeta Literária do Porto**, nº 12, ano 1, Porto: Tipografia da Livraria de A. de Moraes, 1868u, p.112-114.

ORTIGÃO, Ramalho, *Figuras e Questões Literárias I*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947.

PIMENTEL, Alberto. **Memórias do Tempo de Camilo**. Porto: Magalhães & Moniz, 1913.

TENGARRINHA, José. **Nova história da imprensa portuguesa das origens a 1865**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

ARTIGO RECEBIDO EM 12/05/2020

ARTIGO ACEITO EM 02/06/2020